

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História e Antropologia

Bacharelado em Museologia



Monografia

Museu Histórico Farroupilha: Revendo as práticas da Revitalização de 2002 e seus resultados até 2008.

Augusto Duarte Garcia

Pelotas, 2010.

Augusto Duarte Garcia

Museu Histórico Farroupilha:

Revendo as práticas da Revitalização de 2002 e seus resultados até 2008.

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Museologia.

Orientador: Nóris Mara Pacheco Martins Leal

Pelotas, 2010.

Banca examinadora:

Prof^{or} Dr. Fernando da Silva Camargo

Prof^a Ms. N3ris Mara Pacheco Martins Leal (orientadora)

Dedico este trabalho aos Meus Pais, Mario Conceição Duarte Garcia e Jacila Neli Duarte Garcia. Pois sem eles nada disso seria possível.

Agradecimentos

Estes quase quatro anos na Graduação me possibilitaram conhecer pessoas fantásticas, inteligentes e de capacidade profissional ímpar, entre estas pessoas estão meus professores que contribuíram no meu crescimento intelectual e pessoal, os quais citarei um por um: obrigado, Prof. Daniel Maurício Viana de Souza, Prof. Diego Lemos Ribeiro, Prof. Pedro Luís Machado Sanches, Prof. Rogério Rosa, Prof. Paulo Pezat, Prof.^a Francisca Ferreira Michelin, Prof. Wilson Marcelino Miranda, Prof. Luiz Antônio Machado Veríssimo, Prof.^a Mari Lucie da Silva Loreto, Prof.^a Marines Garcia, Prof. José Eduardo Figueiredo Dornelles e, especialmente, ao Prof. Fernando da Silva Camargo, à Prof.^a Maria Letícia Mazzucchi Ferreira e à minha orientadora, Prof.^a Noris Mara Pacheco Martins Leal, que ajudaram na construção deste trabalho.

Sou grato aos servidores deste Curso, principalmente, à Angelita Maria Martiarena - “Dona Angelita” - que sempre fez o possível e o impossível pelo Curso de Museologia e por nós, estudantes, se mostrando uma pessoa única, insubstituível, uma verdadeira mãe dos discentes.

Sou grato aos colegas de Curso, principalmente a Matheus Cruz, Gustavo Steiernagel, Maristela Tavares Peters, Eder Ribeiro Oliveira, que sempre se mostraram amigos leais, verdadeiros, sempre dispostos a ajudar nos trabalhos, a conversar sobre qualquer assunto, com humor extremamente bem afiado. Também à colega Joana Soster Lizzot, companheira e amiga de vários momentos dentro e fora do curso, uma das maiores alegrias que tive neste período de faculdade.

Sou grato aos funcionários e direção do Museu Histórico Farroupilha, que sempre mantiveram as portas abertas para mim, onde realizei várias pesquisas e meu estágio. Agradeço, principalmente, aos funcionários Paula, Eva, Adriana, Nara, Alexandre e ao Diretor Bruno, que contribuíram no período de estágio e na pesquisa para esta monografia. E também as ex-diretoras Sátia e Gisele, as primeiras a me receberem na instituição.

Também sou grato à Prof.^a e ex-diretora do MHF, Angélica Panatieri, e à Maria Teresa Custódio, que contribuíam com sua experiência e relatos ao tema de minha pesquisa, além de sua disponibilidade e compreensão ao responderem questões sobre o assunto.

E, por fim, sou grato à minha família, principalmente, aos meus pais, que sempre apoiaram meu projeto universitário, custeando minha permanência em Pelotas e ajudando quando necessário.

Se variam na casca, idêntico é o miolo,
Julguem-se embora de diversa trama:
Ninguém mais se parece a um verdadeiro Tolo
Que o mais sutil dos sábios quando ama.

(Mario Quintana/ Da condição Humana)

RESUMO

GARCIA, Augusto Duarte. **Museu Histórico Farroupilha: Revendo as práticas da Revitalização de 2002 e seus resultados até 2008.** 2010. 45f. Monografia(Graduação) – Curso de Bacharelado de Museologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

Esse trabalho estuda a metodologia, a aplicação e os resultados do processo de revitalização realizado no Museu Histórico Farroupilha (MHF), localizado na cidade de Piratini, em 2002. O museu foi criado por decreto estadual (nº 3858), em 11 de fevereiro de 1953. O MHF tem como objetivo preservar e disseminar a memória da Revolução Farroupilha. Seu fundador foi o funcionário público estadual Adão Amaral, natural de Piratini, que também foi responsável pela coleta do acervo e montagem da primeira exposição naquela instituição. As peças escolhidas para a exposição pertenciam ao período da referida Revolução, no entanto foram agregados objetos pertencentes a famílias formadoras do município. No período do governo estadual de Olívio Dutra (1999 – 2002), a direção do Museu percebeu a necessidade de se readequar às novas tendências museológicas e turísticas, e buscou a remodelação da expografia e a definição da missão do Museu, fato que reforçou os vínculos identitários da cidade com a Revolução Farroupilha. Para esse trabalho foram utilizadas entrevistas orais, pesquisa com os registros do público visitante e nos arquivos administrativos do MHF.

Palavra-Chave: Museu Histórico Farroupilha, Revitalização, Identidade, Expografia.

ABSTRACT

GARCIA, Augusto Duarte. **Museu Histórico Farroupilha: Reviewing the practices of the Revitalization of 2002 and its results up to 2008.** 2010. 45P Monograph(Graduation) – Course: Bachelor Of Museology, University of Pelotas, Pelotas, Brazil.

This work study the methodology, implementation and results of the revitalization process performed in the Museu Histórico Farroupilha (MHF), situated at the town of Piratini (Brazil), in 2002, The museum was created by State Decree (nº. 3858), on February 11th, 1953. The MHF aims to preserve and disseminate the memories of the Farroupilha Revolution. Its founder was the state public worker Adão Amaral, a native of Piratini, who was also responsible for collecting and assembling the collection for the institution first exposition. The pieces chosen for that exhibition, belonged to the Farroupilha revolutionary period, however, objects belonging to some families wich formed the municipality were aggregated. During the Governor Olivio Dutra term (1999 - 2002), the museum's staff realized the institution needed to be readequated to new museology and touristic trends and, because of that, sought the remodelation of its expography and the definition of the Museum's mission, which strengthened the bonds of identity between the city and the Farroupilha Revolution. For this work were used oral interviews, research on the visitors records and researches in the administrative files of the MHF.

Keywords: Museum, Farroupilha, Revitalization, Identity, Expography.

Lista de Figuras:

Figura 1: Mapa de Piratini a Pelotas e de Mapa Piratini Porto Alegre (Fonte: site da Prefeitura Municipal de Piratini)	16
Figura 2: Sede do Museu Histórico Farroupilha (Fonte: Arquivo pessoal)	17
Figura 3: Fotos da exposição anterior a Revitalização de 2002 (Fonte: Arquivo Digital do MHF)	19
Figura 4: Fotos da Exposição do Museu Histórico Farroupilha em 1964. (Fonte: Arquivo Fotográfico do MHF)	19
Figura 5: Uma das salas do MHF após a revitalização, de 27/07/2007. (Fonte: Arquivo Pessoal).....	21

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Fonte: Relatório de Gestão do SEM (1999-2002).....	25
Gráfico 2: Fonte : Livros de visitação do MHF	32
Gráfico 3: Gráficos baseados na pesquisa de público realizado no MHF no mês de abril de 2010	33
Gráfico 4: (Fonte: Livros de Visitação do MHF)	33
Gráfico 5: embasados na pesquisa de público realizado no MHF no mês de abril de 2010	34
Gráfico 6: embasados na pesquisa de público realizado no MHF no mês de abril de 2010	34
Gráfico 7: Comparação entre visitantes locais e turistas. (Fonte: Livros de Visitações do MHF)	35
Gráfico 8: Comparação entre visitantes locais e turistas. (Fonte: Livros de Visitações do MHF)	35
Gráfico 9: Comparação dos números de visitas nos anos de 2002, 2006, 2007 e 2008. (Fonte: Livros de Visitações do MHF).....	36
Gráfico 10: Comparação dos números de visitas de turistas nos anos de 2002, 2006, 2007 e 2008. (Fonte: Livros de Visitações do MHF).....	36
Gráfico 11: Comparação dos números de visitas de locais nos anos de 2002, 2006, 2007 e 2008. (Fonte: Livros de Visitações do MHF).....	37

Lista de Abreviaturas

FAPERGS - Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul.....	12, 24
IPHAE-RS - Instituto do Patrimônio Histórico Artístico do Estado do Rio Grande do Sul.....	23, 27, 29
IPHAN -Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.....	11, 23, 28, 29
MHF - Museu Histórico Farroupilha..	5, 7, 8, 9, 10, 10, 11, 12, 14, 15, 19, 20, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40
PRODER - Programa de Emprego e Renda.....	28, 29
PROMUSEU - Programa de Apoio à Qualificação dos Muse.....	12, 24, 25
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.....	12, 27, 28, 29, 43
SEM - Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul..	10, 12, 13, 15, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 39, 43
UFPel - Universidade Federal de Pelotas.....	29

Sumário

Introdução:	11
Capítulo 1 - Revitalização Expográfica de 2002: discussão de identidade e política. .	16
1.2 - Papel do SEM entre o período de 1999 a 2002.	22
Capitulo 2 - A metodologia e a resposta do público no MHF	27
2.1 - Piratini, uma cidade Turística.	28
2.2 - A metodologia e organização.	29
2.3 - Respostas do público à nova exposição.	32
Considerações Finais	38
Fontes Primaria	41
Bibliografia:	42

Introdução

Este trabalho consiste na análise das motivações que possibilitaram a revitalização expográfica do Museu Histórico Farroupilha (MHF), seus métodos e resultados. A intenção é mostrar a ligação da formação do museu com as propostas de criação de uma tradição gaúcha e um movimento de preservar esta, como um meio de glorificar os habitantes do Estado do Rio Grande do Sul, criando assim, uma identidade regional e com respeito a tal identidade sabemos que muitos crêem nos ideais da República Riograndense de 1836.

O MHF é uma destas entidades que reforçam essa visão. Assim, proponho um olhar sobre a opinião dos visitantes e da comunidade a respeito da instituição, para entender o sentimento trazido com a mudança expográfica pela qual o museu passou e sobre as tradições locais, para que se possa ter uma dimensão da aceitação e a influência do tradicionalismo na opinião dos visitantes e da comunidade.

A instituição foi fundada em 1953, sediada no prédio onde, provavelmente, se localizava o Ministério da Guerra da república Rio Grandense, durante a Guerra dos Farrapos que movimentou o Rio Grande do Sul, de 1835 a 1845, sendo Piratini a capital no início da guerra nos anos de 1836 a 1839 e, posteriormente, no término, entre 1843 a 1845¹. Sua criação ocorre após alguns movimentos de revalorização das tradições rio-grandenses, como o panteão literário, a criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho entre outros, dos quais sempre utilizou a guerra de 35 como momento privilegiado da “história gaúcha”.

O museu foi fundado quando o patrimônio arquitetônico da cidade estava se perdendo, surgindo como solução à pequena cidade de Piratini, que, apesar da grande importância histórica para o Estado, ainda não tinha calçamento nas ruas e mantinha sua avenida com pinheiros em seus canteiros. Portanto, o tombamento de parte de seus prédios históricos² e a criação de uma instituição de memória significou a revalorização deste espaço. Porém, a instituição não apresentava uma argumentação clara, já que não determinava uma temática, se “Revolução Farroupilha” ou a “história da cidade de Piratini”, principalmente por não existir um documento que estabelecesse esse propósito.

Por isso, em 2002 ocorreu uma mudança: parte do acervo de vários períodos perde seu espaço em benefício de outras peças, pertencentes ao período farrapo, sendo que aquela

¹ ALMEIDA, 1998

² Em 25 de novembro de 1952 o prédio foi tombado pelo IPHAN no “Processo 450 – T, inscrições nº 296, livro histórico, fls. 50”.

exposição era balizada como sem um roteiro claro, sendo caótica e sem uma temática definida, mas, porém após a mudança, passou a ter uma linha de argumentação com uma proposta de assunto e uma tendência de temática além de uma necessidade de conservar peças de determinado período.

De outro lado, parte da população acabou por perder interesse pela instituição, como se sua história deixasse de ser contada. Os objetos que foram retirados eram, em grande parte, das famílias locais, que sentiram um grave golpe da nova proposta, como se fossem renegadas suas histórias pela instituição. Além do “esvaziamento” em que o projeto foi acusado, onde até a questão da doação indevida do patrimônio da cidade foi levantado, algo que as observações em reserva técnica e a documentação do acervo provaram ser impróprias. Por isso, buscou-se, por meio de um esforço intelectual, explicar melhor as motivações e falhas, para, assim, podendo esclarecer melhor as mudanças, querendo sempre que a comunidade local descubra novamente o museu, notando que esta instituição ainda faz parte de suas vidas e que sua transformação de fato ainda não está completa.

A metodologia de pesquisa que foi utilizada na discussão se baseou em entrevistas de História Oral com a diretora no período da reformulação, Angélica Panattielie, e com a coordenadora do projeto, Maria Teresa Custódio, onde as próprias explicaram como o mesmo foi pensado e realizado. Seus relatos trouxeram à luz a questão da participação do Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul (SEM-RS), num momento em que buscou-se organizar uma política de ações museológicas dentro do Estado, as quais previam a modernização das instituições e a capacitação dos trabalhadores da área, com parcerias entre entidades nacionais e internacionais, nas quais trouxeram oficinas, seminários e cursos, além de projetos e linhas de financiamentos, como o PROMUSEU, que previu modernizar as instituições por meio de linhas de financiamento pela FAPERGS, estas com o recurso da Secretária de Ciência e Tecnologia.

Com essa linha é que o MHF conseguiu seus recursos, com a coordenação na elaboração e execução da profissional Maria Teresa Custódio, Consultora do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), órgão que já realizava um trabalho na cidade, de revitalização do Centro Histórico. Porém seu primeiro contato com a situação do museu foi em reunião da 7ª Região do SEM³, em 1996⁴, onde já se interessou pela

³ O Sistema Estadual de Museu é separada em sete regiões, e a região em que está Piratini é exatamente a última, onde também está cidades como Rio Grande, Pelotas, Jaguarão, Canguçu e outras.

⁴ (CUSTÓDIO, 2002:128), neste ano a própria custódio era a coordenadora do SEM-RS

instituição. E quando Angélica Panattieri assumiu a Direção⁵, ela passou a participar das reuniões e oficinas do SEM e logo conseguiu o contato com a Maria Teresa.

Naquele momento é que começou a pensar num projeto que revitalizasse o museu, trazendo-o para os novos tempos, abandonando os antigos preceitos que eram considerados antiquados por sua Direção, e que não serviam mais. Porém, esta nova proposta retornou a primeira missão do museu de preservação e comunicação das memórias da *guerra farrapa*. Por isso que foi importante a este trabalho a revisam das entrevistas dadas por familiares do fundador e primeiro diretor do Museu Histórico Farroupilha, Adão Amaral, para o projeto “Museus e Cidades: Relatos De Uma Relação Nem Sempre Tão Harmoniosa”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maria Letícia Mazzucchi Ferreira, realizado pelos acadêmicos Augusto Duarte Garcia e Joana Soster Lizott, no período de tempo entre 2007 a 2010.

As entrevistas foram realizadas com a irmã mais nova do ex-diretor, Ceura Amaral Frotta, seu cunhado, Orly Frotta, e seu filho mais novo, Raul Augusto Amaral, onde eles falaram de como o Adão fez parte do projeto de criação da instituição, seus objetivos e métodos para a sua montagem.

Tudo isso foi de grande valia para esclarecer os métodos utilizados na revitalização, porém há uma grande documentação existente nos arquivos do museu sobre o tema, onde foram encontrados projetos, plantas, e-mails e correspondências sobre o projeto. Neles há detalhes da linha de pensamento, resultados de diagnóstico que complementarão as informações adquiridas pela entrevista de história oral, ou seja, o que faltou foi completado com relatório do Sistema e textos da Maria Teresa Custódio que finalizou a análise da metodologia de trabalho.

Na avaliação das respostas da comunidade, foi necessária a opinião dos visitantes e moradores da cidade, numa pesquisa de público. Esta pesquisa teve nos formulários questões que abordaram sobre o museu e a expografia atual, o que foi feito com moradores e turistas. Com isso se teve uma idéia maior da dimensão da aceitação ou negação do museu.

Assim, não teve apenas esta análise, mas também de alguns livros de visitaçao do museu, que se percebeu a diferença entre a visita feita pelos moradores e por turistas, antes e depois de 2002. Os períodos analisados foram os anos de 2002 a 2009. Por meio de gráficos e porcentagens se deu números concretos e, assim, análises das visitaçoes.

Dentro destes métodos de trabalho foram apresentados autores que seguem certas temáticas de pesquisa e trabalho teórico, como Pollak, para discutir a criação de identidade e

⁵ Em meados de 1998.

memória, na perspectiva da construção de uma auto-imagem, algo que se encaixa perfeitamente para a construção que ocorre nos museus em geral.

O Museu Histórico Farroupilha não é diferente dos demais, pois é exatamente isso que ocorreu: uma escolha de temas que passaram num processo de refinamento, salvando-se apenas as informações que ponderam ser úteis para contar e glorificar o passado. Algo, aliás, que José Reginaldo Gonçalves deixou claro em seu texto “Autenticidade. Memória e Ideologias Nacionais: O problema dos patrimônios culturais”⁶, em que, além de falar da autenticidade, também discorre sobre as escolhas do patrimônio cultural, sempre buscando o reforço da identidade nacional, a individualidade coletiva.

Nesse sentido, se pode pensar nas idéias de Hobsbawn sobre a invenção das tradições, que é esse esforço de manter uma unidade nacional, trazendo elementos que assemelhem os indivíduos uns aos outros em um determinado lugar, algo que possa ser herdado e reforçado com o tempo, transformando aquilo num processo contínuo entre o passado, presente e futuro, ligando, intimamente, antepassados e seus sucessores.

Ainda nessa linha, há o trabalho de Sandra Jatahy Pesavento e Maria Eunice Maciel, nos seus artigos do livro “Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível”, no qual ponderam sobre a criação da identidade do gaúcho e na formação dos “Centros de Tradicionalismo”. Esses textos ligados com os outros autores e com o livro de Carla Renata Antunes de Souza Gomes - “De Riograndense a Gaúcho: o triunfo do avesso: um processo de representação regional na literatura do século XIX” -, que fala da formação da identidade do gaúcho pela literatura, ajudam a demonstrar a criação da identidade sul-riograndense, que também pode ser vista no MHF.

Para este parecer foi feito o uso de um texto da Prof.^a e Museóloga Maria Célia Teixeira Moura Santos que comenta a busca da identidade nacional pelos museus, além de um trabalho de Ana Cláudia Fonseca Brefe, que aborda a montagem da exposição do centenário de independência do Brasil no Museu Paulista. Ambas demonstram nos seus trabalhos a preocupação de afirmação das memórias das glórias nacionais pelas instituições museais.

Todos esses temas foram abordados em dois capítulos desta monografia. O primeiro traz como tema a influência dos objetivos da criação do MHF na revitalização, buscando a afirmação da identidade gaúcha de forma educativa, glorificando os heróis e a honradez da província. Também tratou do trabalho do SEM, no período de 1999 a 2002, e o que isso possibilitou a realização de melhorias para os museus do Estado. Neste capítulo foram

⁶ Revista de Estudos Históricos Vol. 1. nº 2, 1988

utilizadas as entrevistas do projeto “Museus E Cidade: Relatos De Uma Relação Nem Sempre Harmoniosa”, além de outras feitas especialmente para esse trabalho, com a diretora do museu, no período de 1999 a 2002, e com a coordenadora do projeto. Além disso, discutiu a questão do patrimônio cultural como reforço da identidade local, porém, sempre salientando que o objeto de estudo é a revitalização expográfica do MHF e não a identidade gaúcha. E por meio dos relatos de Angélica Panattieri, da Maria Teresa Custódio e do relatório do SEM acerca da gestão de 1999 a 2002, pretendeu demonstrar as atividades do SEM e no que isso contribuiu para a realização do projeto.

Já o segundo capítulo iniciou com o tema da metodologia utilizada para execução do projeto e o *roteiro expográfico*, tendo em vista o interesse de trabalhar a Revolução Farroupilha de uma forma que fosse didática, para que a população descobrisse o “movimento de 35”, bem como aquilo que tivesse sentido para ela. Além disso, tinha a questão do desenvolvimento local, um preceito que a Maria Teresa Custódio defendia, ou seja, a utilização dos mecanismos culturais para o desenvolvimento socioeconômico das comunidades locais. Por fim, a avaliação da comunidade e dos visitantes do museu sobre a atual exposição, sempre tentando perceber os verdadeiros porquês, o que realmente incomoda ou agrada a população.

CAPÍTULO 1 - REVITALIZAÇÃO EXPOGRÁFICA DE 2002: DISCUSSÃO DE IDENTIDADE E POLÍTICA.

O museu Histórico Farroupilha foi criado em 11 de fevereiro de 1953⁷, pelo decreto estadual n° 3858. Está localizado na cidade de Piratini, que está a 339 km de Porto Alegre⁸, e em torno de uma hora e meia da cidade de Pelotas, pela BR-293 e a RS-702



Figura 1: Mapa de Piratini a Pelotas e de Mapa Piratini Porto Alegre (Fonte: site da Prefeitura Municipal de Piratini)

A instituição foi fundada logo após o surgimento do primeiro Centro de Tradições Gaúchas - CTG 35 - que ocorreu em 1948⁹, em Porto Alegre, tendo participação no processo de reafirmação da identidade gaúcha, que estava ocorrendo naquele momento. Tendo em conta que a cidade em questão, Piratini, foi capital da revolução farroupilha (1835-1845) por cinco anos¹⁰, por estar localizada no interior do Estado, e, pela sua tradição na criação de gado, se pode perceber que a criação do museu foi proposital para reforçar a imagem do *Gaúcho*.

⁷ A fonte desta informação é o próprio museu, seus arquivos

⁸ <http://www.ferias.tur.br/informacoes/7983/piratini-rs.html> acessado no dia 26/04/2010

⁹ Grupo de jovens estudantes universitários, em Porto Alegre, providos de cidades do interior que deram início ao MTG, Movimento Tradicionalista Gaúcho (MACIEL, 2001)

¹⁰ Não de forma contínua.



Figura 2: Sede do Museu Histórico Farroupilha
(Fonte: Arquivo pessoal)

1.1 - A instituição reforçando a identidade gaúcha

Para argumentar sobre como a instituição serve para reforçar a identidade do gaúcho será feita a comparação com a seguinte citação de Sandra Pesavento:

A tradução desta expressão regional, que faz do gaúcho uma espécie de “Zorro dos Pampas” [...] Ou seja, bravura e outras qualidades guerreiras inatas do gaúcho dispensam explicação e são uma espécie de evidencia por si mesmo. (2001: 227).

No caso, Pesavento fala da expressão “monarca das coxilhas”, como algo que explica por si a superioridade do gaúcho, sua nobreza, coragem, termo que surge por meio da literatura que vem após a Guerra dos Farrapos. Porém, no caso deste trabalho, pode-se utilizar desta explicação como exemplo do que podem significar instituições museais, como o Museu Farroupilha¹¹. Estas entidades vem para ser um espaço de salvaguarda e divulgação dos feitos sul-rio-grandenses, glorificar os episódios e personagens da guerra, exercer a missão de ser o registro dos *grandes feitos* da população do Estado, um reforço de sua “*auto-imagem*”, que é para Pollak:

[...] aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros. [...] Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. (1992: 204).

Pollak nos remete aos fatos que influenciam a criação de uma identidade, mesmo não sendo vivido, nesse caso são os “vividos por tabela” (1992:201). A Revolução Farroupilha é um acontecimento que marcou na memória dos sulriograndenses, mesmo não vivendo o

¹¹ MUSEU HISTÓRICO FARROUPILHA

período. Desta forma, supõe-se que criou uma auto-imagem que reafirma a coragem dos heróis e de seus descendentes, no caso os atuais riograndenses, deixando esta memória viva dentro de cada habitante a ponto de os igualar aos seus antepassados. (PESAVENTO, 2001).

O acervo da instituição é resquício de uma memória viva na qual os visitantes dão ressignificados ao sentido da peça, tratando-a como uma relíquia do momento de glória. Portanto, como se refere José Reginaldo Gonçalves, a peça é um “Patrimônio Cultural”, ou seja, “[...] coleções de objetos móveis e imóveis através dos quais é definida a identidade de pessoas e de coletividades como a nação, o grupo étnico etc.” (GONÇALVES, 1988: 266). Nesse sentido, de construção de uma identidade regional.

Outro ponto que afirma o posicionamento é que no mesmo período era fundado o primeiro CTG da cidade, o “20 de Setembro”, como explicita a edição do Diário Popular de 19 de abril de 1953, o qual tinha como objetivo unir a população rural e urbana da cidade, como salienta este trecho:

O culto às tradições comuns derrubará, certamente, as barreiras de toda ordem que possam existir entre as duas populações, que se irmanarão, para, tornando-se pela união uma força irresistível, para tornar Piratini uma cidade realmente progressista.¹²

Ou seja, no caso do CTG, não é apenas o reforço da criação da auto-imagem, ou melhor, identidade perante o Estado, mas também internamente, de modo a trazer uma solução para as brigas internas, trazendo a individualização do grupo (GONÇALVES, 1988), ou seja, mostrar suas semelhanças, homogeneizando a história dos indivíduos.

O museu também é contaminado por essa necessidade, e muitas das peças que foram arrecadadas na época eram mais condizentes com outros períodos da história da cidade e das famílias do que propriamente com a Revolução Farroupilha. O Raul Amaral, filho de Adão Amaral que foi o fundador e primeiro Diretor do Museu Histórico Farroupilha, comenta:

Nessa caminhada dele, a busca de dados sobre a Revolução Farroupilha, ele contava que começou a surgir as Histórias das famílias, da formação de Piratini, Montando as história da Revolução dentro do museu, tinha uma parte sobre as famílias mais importantes, isso fez parte do acervo. Além do acervo da revolução, ele montou sobre a formação de Piratini também.¹³

¹² Artigo escrito por Fernando Brocksted, para o Diário Popular

¹³ Entrevista Realizada em 27/10/2007



Figura 3: Fotos da exposição anterior a Revitalização de 2002 (Fonte: Arquivo Digital do MHF)

E foi este acervo que firmou a instituição como representativa da memória da cidade. Por outro lado, criou um paradoxo, pois, não era sua missão a preservação destas memórias, mas, sim, das memórias da Revolução Farroupilha. Quando assume a direção, Angélica Panattieri, em 1999, se depara com uma instituição carente de mudanças, precisando remodelar sua expografia e sem nenhum recurso técnico¹⁴.

Ela relata “*que a exposição tinha uma sala de armas, outra com objetos de usos do lar, outra com objetos de Bento Gonçalves e oratório, outra com objetos do campo*”¹⁵. Eram objetos, que na maior parte, não tinham ligações com a Revolução Farroupilha, porém, havia com a comunidade um envolvimento afetivo, pois muitos eram de doadores ou familiares destes.



Figura 4: Fotos da Exposição do Museu Histórico Farroupilha em 1964. (Fonte: Arquivo Fotográfico do MHF)

¹⁴ Neste caso refere-se à reserva técnica, equipamento e profissionais.

¹⁵ Entrevista realizada em 10 de abril de 2010

Por isso, quando o museu se direciona a uma revitalização, a primeira pergunta que é feita só pode ser uma: “qual é a missão do Museu Histórico Farroupilha?”. Lógico que seu nome e a postura que houveram no momento de sua criação influenciou, mesmo que esta decisão tenha sido tomada por um grupo de piratinenses¹⁶. A localidade já estava sob o domínio da mítica, ou “*auto-imagem*” da Revolução Farroupilha, vendo-se como Primeira Capital da República Riograndense, como pode ser notado nas declarações do Orly Maranini Frota, sobre o sentimento da população sobre a Revolução, [...] *aqui sempre se viveu em função da Revolução Farroupilha [...] CTG mesmo, tudo foi criado depois, sempre em função da parte da Revolução, da parte histórica [...]*.

O sentimento de “*Ufanismo*”¹⁷, conforme definido por Pesavento (2001) foi que determinou a decisão, assim restabelecendo a missão do Museu Farroupilha de glorificar o “passado farrapo”. Dessa forma, foi feita uma seleção de peças do acervo, dando destaque nas que fossem originárias do período da Revolução Farroupilha. As demais foram retiradas da exposição principal, não houve o descarte, mas foram postas em reserva, desagradando parte da população.

Outra possível influência sofrida pela equipe de montagem da exposição foi o projeto de revitalização do centro histórico da cidade, que tinha como objetivo viabilizar o turismo. Esta foi uma das tônicas do projeto no Museu Farroupilha, que previa uma expografia didática e densa mas que chamasse a atenção de turistas, com a proposta de alavancar a economia da cidade, tema da primeira parte do segundo capítulo.

Novamente, usando Pollak (1992), a auto-imagem criada pela identidade é uma negociação de si com os outros. Isso significa que há dois pontos a serem analisados: uma é a visão interna, dos moradores da cidade e o outro é dos turistas que são os visitantes que vêm para admirar as obras e os feitos históricos dos Farroupilhas, que estão expostos na instituição e na cidade.

Por parte da comunidade, a instituição perde elementos de sua identidade quando dispensa da exposição principal o acervo que não condiz com o período revolucionário. Porém o que os turistas querem ver é o reforço desta memória gloriosa, no culto aos heróis farrapos. Neste ponto, a auto-imagem que a instituição fez de “si” não funciona para parte da comunidade, porém, funciona, de certa forma bem, entre os que vêm de fora, criando uma ambigüidade.

¹⁶ Será melhor explicado no segundo capítulo, quando o tema será a metodologia de trabalho.

¹⁷ Para Pesavento o Ufanismo é um sentimento identitário que qualifica o indivíduo ou grupo, elevando suas proezas e escondendo seus defeitos.

Mas esta parte será esclarecida no próximo capítulo, quando se tratará da pesquisa de público e os livros de visitantes, já que o que importa neste momento são as intenções da expografia atual do Museu Histórico Farroupilha.

Dáí chama-se atenção a um relato de Ana Cláudia Fonseca Brefe, que analisa a montagem da exposição do centenário da independência no Museu Paulista, em que Taunay¹⁸, diretor da época, fez críticas à atuação do antecessor, Ihering, o considerando um péssimo conservador, por apenas investir nas coleções de zoologia e não no acervo histórico. Taunay investiu em objetos que firmassem a identidade brasileira e paulista, criando salas onde homenageassem vultos históricos, como os Bandeirantes.

No caso do Museu Histórico Farroupilha, a nova proposta não tomou a dimensão de uma crítica a antigas direções, porém assume um papel marcante, trazendo um novo contexto, com um novo repertório, onde dá menor ênfase à história local e parte para uma história regional, igual ao projeto de Taunay, que redireciona o Museu Paulista a uma instituição que representa a história brasileira e paulista, a demérito dos setores de estudos zoológicos e botânicos que eram feitos lá.

Portanto, pode-se analisar que, no momento da modernização da instituição, houve a perda de um referencia da identidade comunitária, porém, se deve salientar que esta perda não foi total, devido à ligação íntima da cidade com a Guerra dos Farrapos, onde há uma grande ligação afetiva com a Revolução Farroupilha, um resultado da campanha realizada por órgãos tradicionalistas, vendo-se, por exemplo, que o próprio CTG da cidade foi criado no mesmo ano do museu, mostrando a necessidade de reafirmação da identidade do Estado.

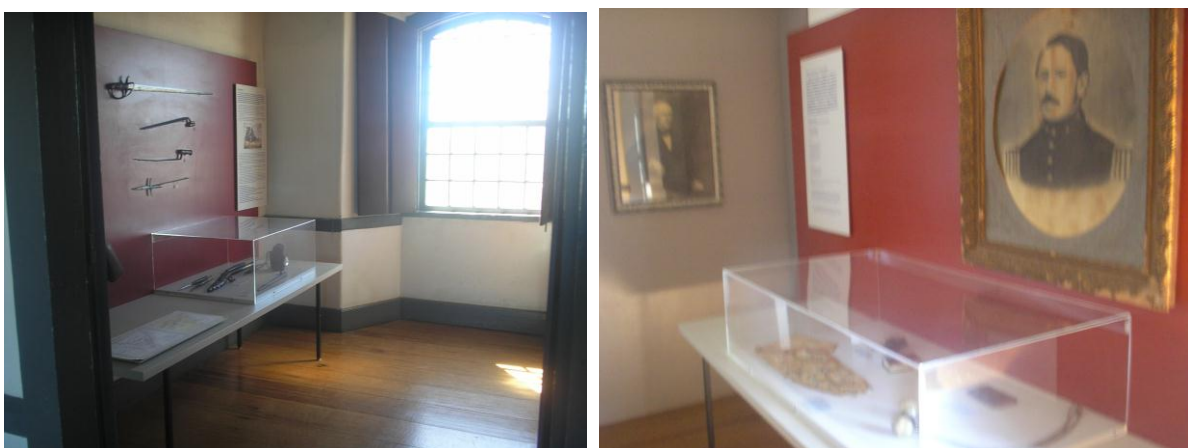


Figura 5: Uma das salas do MHF após a revitalização, de 27/07/2007. (Fonte: Arquivo Pessoal)

Mas isso não elimina o confronto que há entre as memórias locais e a memória regional, na qual, por enquanto, prevalece na instituição o “macro” sob a necessidade do

¹⁸ Diretor do Museu Paulista de 1917 a 1939.

local, a valorização da identidade riograndense sobre a piratinense. Conforme já dito no trabalho, é a homogeneização das auto-imagens, o ser gaúcho sendo posto a prevalecer sobre as demais auto-imagens.

1.2 - Papel do SEM entre o período de 1999 a 2002.

No mesmo ano que começa a gestão de Angélica Panattieri, na Direção do Museu Histórico Farroupilha, o Sistema Estadual de Museus (SEM-RS) voltava a ter um coordenador indicado pela Secretária de Estado¹⁹, depois de um período sem direção. No de 1999, no Governo de Olívio Dutra, José do Nascimento Jr. assume como Coordenador da instituição.

Neste subcapítulo serão comentadas as ações do Sistema, também como estes projetos e ações ajudaram na revitalização do Museu Histórico Farroupilha. Para que seja possível esta discussão, foi utilizado com referência o relatório da gestão de Nascimento Jr. no SEM, as ações que são descritas e os números destas.

O Sistema planejou uma série de metas, como descentralização e democratização das políticas culturais e patrimoniais do Estado, a unificação das ações na área museológica para capacitar os profissionais e modernizar os museus, além da criação de um cadastro que pudesse dar a noção de quantos museus haviam no Estado e suas condições.

Após uma Assembléia Geral, em 1999, entre os representantes das entidades de cultura e dirigentes foram estipuladas as metas já citadas. Por meio destas é que foram guiadas as ações do SEM, e, logo após, foram feitas oficinas, seminários, cursos com temáticas solicitadas para cada uma das regiões do Sistema²⁰.

Tais ações eram ministradas por profissionais do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), IPHAE-RS (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul) e outras entidades, e abordavam temas como: documentação museológica, plano museológico, expografia, conservação de acervo, organização de reserva técnica etc. A própria Diretora do Museu Farroupilha na época, na entrevista dada, argumentou que quando assumiu não sabia nada de museus, que aprendeu muito com as oficinas e reuniões do SEM.

¹⁹ Algo que não havia acontecido com a gestão anterior do Governo do Estado.

²⁰ O Sistema Estadual de Museu do Estado do Rio Grande do Sul é dividido em sete regiões, cada região tem seu coordenador, que é um representante voluntário, não remunerado, que é responsável em organizar, junto ao próprio SEM e a secretária de cultura, os cursos, oficinas e seminários em sua região. Além de responder perante o sistema pela região. Esse cargo é escolhido sobre voto direto de todos os trabalhadores de museu.

O Sistema separou suas ações em três modalidades, duas foram as de difusão e fomento. A partir dessas realizou uma série de atividades, por exemplo, para divulgar as instituições, e o próprio SEM realizou 197 ações, nas quais podem ser citadas: exposições, painéis, palestras, visitas guiadas e outros, com o objetivo de que as instituições se tornassem ponto de referência nas comunidades.

Já no fomento o sistema instigou o crescimento das instituições por meio de um maior intercâmbio entre as entidades do Estado e com outras do Brasil e do mundo. No período de 1999 a 2002 foram realizadas 27 ações com as prefeituras, Estado e União, incentivando a criação de instituições no setor museológico e cultural dos municípios.

Foram também realizados dois Fóruns Estaduais de Museus, o sétimo e o oitavo. No primeiro foi indicada uma série de pontos, como a interiorização do fórum, a criação de um boletim, cadastro das instituições, atividades educativas nas escolas, fomento aos cursos técnicos, superior e de pós-graduação na área, dentre outros.

No Fórum seguinte, em Rio Grande, no interior do Estado, atendendo à solicitação do fórum anterior, teve-se como um dos resultados a “Carta de Rio Grande”, que firmava reivindicações em vários pontos como uma política patrimonial mais democrática e que valorizasse a diversidade, ampliando e garantindo o acesso aos bens culturais públicos a todas as comunidades, políticas de revitalização e modernização das entidades culturais, a criação de um cadastro nacional, a implementação do ensino de Educação patrimonial aos currículos escolares, o fomento de cursos na área de museologia dentre uma série de outros itens.

Houve uma grande participação de profissionais de outros Estados do país no fórum e na elaboração do documento, e a carta lá confeccionada foi entregue aos dois candidatos à presidência da República, no segundo turno da eleição de 2002. Por isso, pode-se dizer que as políticas do SEM influenciaram as atuais políticas na área museológica do país.

Uma das ações do sistema era o PROMUSEU²¹, programa que previa a modernização dos museus no Estado. Ele foi o resultado de uma articulação do SEM, criando uma parceria entre a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado e a FAPERGS²². Neste programa foi criada uma linha de financiamento para projetos de revitalização das instituições, orçamento que seria originado da Secretaria já citada, que liberaria tais recursos via FAPERGS, e, pelo que a Angélica Panattieri comentou na entrevista, haviam duas linhas de crédito, uma de 20 mil reais e outra de 80 mil reais.

²¹ Programa de Apoio à Qualificação dos Museus

²² Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul

Inicialmente era previsto um orçamento total de um milhão de reais, para a realização de 30 projetos. Porém, com a participação de todas as regiões do SEM e com a soma das contrapartidas, o orçamento subiu para um milhão e meio, o que possibilitou o ingresso de mais sete projetos. E eles previam:

[...] recuperação, conservação, preservação, documentação, digitação e difusão do acervo histórico-cultura, etnográfico, arqueológico, artístico, científico e tecnológico de museus públicos e privados sediados no Rio Grande do Sul (RELATÓRIO DE GESTÃO DO SEM-RS, 1999 – 2002: 8)

Neste programa o Museu Histórico Farroupilha se qualificou para conseguir a verba da revitalização. E no momento em que se comparam as especificidades do programa e as necessidades do Museu Histórico Farroupilha²³, fica Evidente que os pontos propostos no edital eram similares às demandas da instituição, podendo ainda se perceber que isso demonstra uma provável similitude entre o MHF e as demais instituições do Rio Grande do Sul. Maria Teresa Custódio analisa a instituição e começa a descrever os problemas que vão da falta de legendas, passa pela conservação e vai até a falta de extintor de incêndio.

Isso evidenciado quando Maria Teresa comenta sobre seu trabalho no museu, com a diretora, a liberdade que o edital deu em utilizar das decisões tiradas no Seminário de Planejamento²⁴ com a comunidade, sem grandes adaptações, na citação seguinte:

[...] a diretora e eu passamos a trabalhar na elaboração de um projeto no qual a preocupação principal era detalhar o que fosse necessário para concretizar o plano traçado nas discussões anteriores e os resultados apontados pelo seminário de Planejamento Estratégico (CUSTÓDIO, 2002: P.132)

As especificidades do edital contemplavam as necessidades do MHF, citadas na reunião com a comunidade. O projeto é aprovado, prevendo remodelação da exposição, documentação do acervo, higienização das peças, ações educacionais e até o restauro de alguns objetos, projeto esse que demonstrou ser grande demais para a verba que era destinada.

O PROMUSEU aprovou projetos de todas as regiões do SEM, a maior parte ficou na 1ª Região, que contempla Porto Alegre e cidades vizinhas, região com o maior número de museus no Estado. A segunda região com maior número de contemplações é exatamente a 7ª,

²³ Museu Histórico Farroupilha

²⁴ Foi uma reunião aberta feita entre o museu e entidades, que previa organizar e objetivar as metas do projeto de revitalização da instituição. Participaram desta atividade, direção de escolas, representante da prefeitura, secretarias, Lions Club, Rotary Club, grupos religiosos e outras entidades representativas na comunidade.

onde se localiza Piratini, e no mesmo momento em que sedia a coordenação²⁵ da região, como mostra o gráfico a baixo:

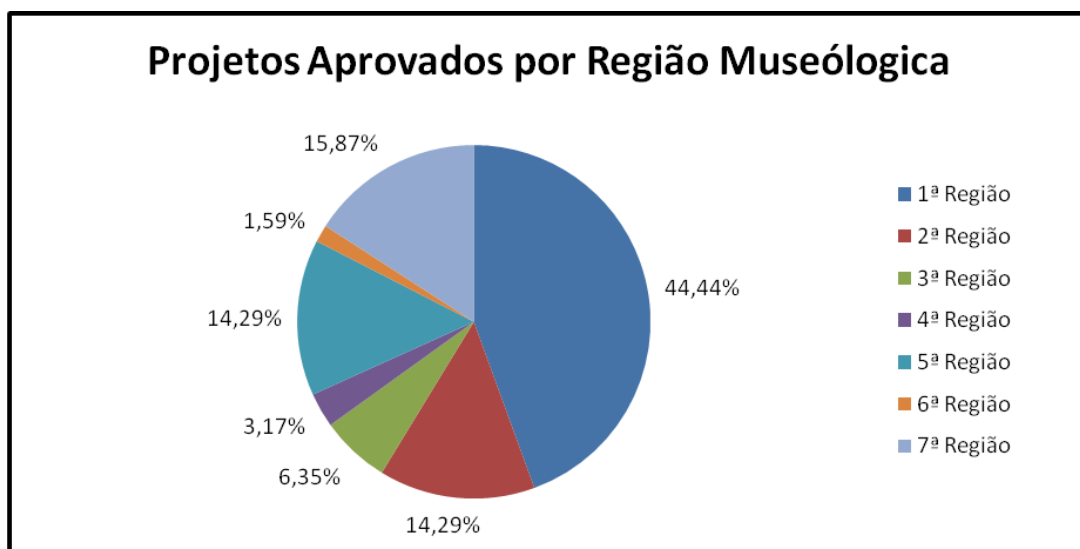


Gráfico 1: Fonte: Relatório de Gestão do SEM (1999-2002)

Se compararmos o gráfico com as localidades correspondentes, veremos que a grande maioria de aprovações ocorreu na Primeira Região, que era sediada em Porto Alegre, e corresponde ao maior número de museus que há no Sistema. A seguir vem a 7ª Região que era sediada em Piratini, a qual abrange as cidades de Pelotas e Rio grande, empatadas a 2ª e a 5ª que tinham como sede Caxias do Sul e Santa Maria, as três regiões que possuem uma boa densidade de museu, já as últimas, possivelmente, teriam um número menor de museus, ou uma política pouco atraente nesta área, por isso uma quantidade bem menor de aprovações.

Mas, continuando a análise da atuação do SEM no período da revitalização do MHF, as ações de capacitação, o terceiro módulo de atividades citados no Relatório do SEM, tiveram um número bem elevado, e, tais atividades contemplaram oficinas, reuniões, palestras, seminários e fóruns.

No ano de 2000 houve apenas nove oficinas, porém, em 2002 foram 23, fechando o período da gestão em 53 oficinas em três anos. Já as outras atividades que contemplam palestras, reuniões e seminários e fóruns totalizaram, em 2000, o número de 15 eventos com 1716 participantes. Já em 2002 foram 37 atividades com um número menor de participantes que em 2000, mas bem maior que 2001²⁶: 1600. O total na gestão foi de 80 eventos²⁷ com o número de 4512 participações.

²⁵ A sede de cada região do SEM é a cidade onde trabalha o coordenador, no caso de 2002 era a Angélica Panattieri.

²⁶ No ano de 2001 tiveram 28 atividades, que totalizaram 1196 participações.

Ou seja, podemos concluir que neste período houve diversos eventos organizados pelo Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul. A busca por uma unificação das ações foi também acompanhada pela busca de um fortalecimento da área museológica, pautada no reforço da identidade e da cultura do Estado e das localidades, havendo, assim, uma maior democratização das políticas patrimoniais, o que possibilitou aos museus localizados, por exemplo, em uma pequena cidade do sul do Rio Grande do Sul, a contemplação de um financiamento de modernização, mesmo estando fora do eixo cultural estadual.

Num Estado de tanta tradição como o do Rio Grande do Sul, uma série de eventos como estes se faziam necessários, mostrando a preocupação com o reforço das memórias que criam a auto-imagem da identidade local, levando projetos, cursos, palestras sobre aquele patrimônio e como preservá-lo.

O Museu Histórico Farroupilha é um exemplo destes resultados, como já foi demonstrado na primeira parte do capítulo, uma instituição que necessitava de uma readequação para enfrentar os novos tempos, porém, tal readequação criou novos problemas.

²⁷ Contando somente Palestras, reuniões e seminários/fóruns, não contando oficinas.

CAPITULO 2 - A METODOLOGIA E A RESPOSTA DO PÚBLICO NO MHF.

Em 22 de dezembro de 2001 ficou acertada a primeira atividade do projeto de revitalização do Museu Histórico Farroupilha. Na ocasião, participaram do planejamento da tarefa a consultora do SEBRAE e Coordenadora do Projeto, Maria Teresa Custódio, a Diretora do MHF, Angélica Panattieri, e o representante do IPHAE-RS, órgão ligado à Secretaria de Estado da Cultura.

Na realidade, o contato de Maria Teresa Custódio com o museu iniciou no período que era coordenadora do SEM, onde, em 1997, visitou a instituição. Naquela época, levou *“no portamalas do carro uma máquina de escrever meio antiga, pois nem isto o museu possuía”*²⁸. Desde então, começou a preocupação com MHF. Em um artigo escrito para revista *“Ciência E Letras”* nº 31 de janeiro/junho de 2002 ela comenta o que pensou ao ver o museu:

Mesmo nesta visita rápida, constatei a imperiosa e urgente necessidade de atenção por parte do poder público para a preservação daquele prédio (de tal importância histórica que está protegido pelo Governo Federal por tombamento), para a conservação do acervo ali reunido e para a divulgação daquela pequena cidade que mantém muitas das características originais em suas construções, cercadas de uma paisagem verde tão linda! Tão cheia de significados para o povo gaúcho. (CUSTÓDIO, 2002: 129)

Nesta fala pode-se notar duas inquietações. Primeiramente, a necessidade de reestruturação da instituição, que estava ultrapassada. Não tinha funcionários preparados para atender a demanda na parte técnica, o que causou a depredação do acervo ali existente. A outra preocupação se refere ao potencial turístico, ou seja, econômico, da cidade e da instituição.

Quando assumiu o projeto, anos mais tarde da sua visita, Maria Teresa Custódio queria que o museu fosse um dos elementos que alavancassem a economia da cidade por meio do turismo. Para isso seria revalorizada a identidade gaúcha²⁹, o que exigia a reestruturação da instituição e a *“reforma”* do ambiente expográfico, destacando os elementos da resignificação da instituição.

A intenção de criar uma referência cultural e econômica da cidade se encontra no relatório do SEM, onde os dados sobre as ações de divulgação e fomento mostram a busca do

²⁸ Entrevista realizada por e-mail, em 22 de abril de 2010, para este trabalho.

²⁹ Assunto já abordado no capítulo anterior.

Sistema naquele período por museus formadores de cidadãos, integrados à comunidade, com instituições fomentadoras do seu local, trazendo um desenvolvimento sociocultural.

[...] o objetivo maior de tornar os museus locais de referências nas comunidades [...] um estímulo para o crescimento do setor, [...] no sentido de estabelecer um maior intercâmbio cultural, [...] desenvolver a requi de museus centrados para a comunidade. (RELATÓRIO DE GESTÃO DO SEM-RS, 1999 – 2002:7)

Teresa já deixa claro sua proposta em torno do tema em artigo publicado um ano antes do início do projeto:

[...] os museus regionais devem atuar como fatores de desenvolvimento crítico de suas comunidades, como promotores de postos de trabalho com a revitalização artesanal, agrícola e industrial e uma museologia ativa como modo de gestão do seu próprio futuro. (CUSTÓDIO, 2000:140)

Esclarecendo a necessidade de não apenas um museu formador de cidadãos, mas também um empregador e fomentador da economia local, ou seja, do turismo, para isso teria as próprias memórias da Revolução Farroupilha como catalizador desse projeto, um carro-chefe desse desenvolvimento.

Em 2000, o IPHAN já coordenava um projeto para revitalizar o centro histórico da cidade. Este deu mais evidência à possibilidade de uma reestruturação do Museu Farroupilha, que foi classificado como um dos pontos turísticos de maior importância da cidade, assim levando o SEBRAE a assessorar o MHF.

Para mostrar a importância da Guerra dos Farrapos no pensamento central do projeto, Maria Teresa diz no seu artigo já citado:

[...] é preciso compreender e valorizar o papel central que o Museu Histórico Farroupilha pode desempenhar como fonte de informação, catalisador dos sentimentos dos gaúchos e coadjuvante no processo de desenvolvimento do município de Piratini. (CUSTÓDIO, 2002:128)

Esta citação só confirma a discussão realizada no capítulo anterior, da importância da identidade e a revalorização desta “auto-imagem” ou o “Ufanismo” dito por Pesavento, a glorificação deste passado por meio das peças que pertenciam, à época, ao “Patrimônio Cultural” de José Reginaldo Gonçalves.

2.1 – Piratini, uma cidade Turística.

O projeto que voltou a sua atenção para alguns dos bens histórico-culturais de Piratini começou no ano de 2000, com uma “Oficina de Planejamento: Interpretação de Sítios para o

uso Público”, realizada pelo IPHAN. Foram os apontamentos desta atividade que levaram o SEBRAE a iniciar o programa PRODER na cidade.

O PRODER – Programa de Emprego e Renda, vem sendo desenvolvido pelo Sistema SEBRAE, para suprir necessidade dos pequenos e médios municípios brasileiros, na busca de alternativas para o seu crescimento e fortalecimento, através da ocupação de vazios econômicos em todos os setores produtivos (SEBRAE, 1995:7).

O projeto vinha para viabilizar o turismo, criando e melhorando os recursos de atendimento do município, um deles era o Museu Histórico Farroupilha. Ele previa a necessidade de um assessoramento para projetos de modernização a instituições museológicas. Maria Teresa Custódio, na entrevista comenta que:

A Oficina indicou a necessidade de reformular o museu. O documento com o resultado da oficina diz o seguinte sobre o museu: “Foi considerado de importância estratégica num processo de *Educação Patrimonial* para o Estado, assim como atrativo principal para o *Turismo Cultural Escolar*. Deve ser valorizado por: - um novo projeto museográfico, que defina o *conceito* de sua exposição permanente; - ter ampliado e qualificado o seu quadro funcional; - ter seu acervo remanejado com outros museus estaduais a fim de especializar-se na História da Revolução Farroupilha.” Estas recomendações foram seguidas no desenvolvimento do projeto de revitalização.³⁰

Ou seja, já se tinha uma atenção do SEBRAE sobre as aparentes necessidades do Museu, demonstrando que não foi um trabalho isolado dentro da cidade, mas estava incluída dentro do contexto. Mesmo sendo um projeto diferente, é responsável, de certa forma, pelo início da revitalização.

Essas semelhanças entre o projeto de revitalização do Farroupilha e o PRODER iniciam com a participação de várias entidades como IPHAN, IPHAE-RS e do próprio município na procura de um meio econômico auto-sustentado que, neste caso, é turismo. Isso porque, na realidade, a revitalização serviria com um complemento, ajustaria à única instituição museológica da cidade às novas demandas que seriam criadas.

2.2 – A metodologia e organização.

Minha primeira ação neste trabalho foi promover uma reunião, no dia 22 de dezembro de 2001, com a diretora do museu e o IPHAE, quando ficou acertada a realização de um Seminário de Planejamento Estratégico. Decidiu-se, também, convidar outras instituições para participar da discussão: IPHAE, IPHAN, SEBRAE – o consultor do município, Sistema Estadual de Museus, Secretaria Municipal de Educação, UFPEL e Museu

³⁰ Entrevista realizada por e-mail em 22 de abril de 2010, para este projeto.

Júlio de Castilhos. Participaram, ainda, a Sra. Rita de Cássia e o Sr. João Carlos Araújo como representantes da comunidade.³¹

A partir desse seminário é que se criam os objetivos, metas e métodos do projeto. Nele ficou claro, para os participantes, que o museu nunca teve sua missão declarada ou documentada. Maria Teresa Custódio destaca que o museu funcionou durante 48 anos sem estabelecer seus parâmetros.

Antes dessa conclusão, houve um trabalho de diagnóstico do museu, no qual foram apontados alguns aspectos, como a documentação, o estado do prédio, a segurança, a exposição, a conservação, a biblioteca do MHF, as ações educativas realizadas pela instituição, a divulgação e as possibilidades de criação de parceiros econômicos.

Iniciou-se a análise pela falta de numeração das peças, a má organização da documentação, a carência de recursos mínimos para manter a conservação do acervo, além das aberturas³² do prédio, que tinham trancas originais, sendo que muitas chaves já estavam quebradas e portas que abriam com o vento. Para Maria Teresa Custódio a exposição precisava de uma “mudança total”³³, tanto no tocante ao mobiliário quanto à organização e ao contexto.

Além disso, quando se pensou na divulgação do Museu se percebeu que só havia um folheto feito pelo município. Já as condições gerais do prédio foram consideradas boas, bem como a possibilidade de criação de parceiros, pois ocorria a instalação de uma Ursina Termo Elétrica na cidade, construída por uma empresa portuguesa.

Quanto à biblioteca que existia dentro do museu, foi avaliada como sem perfil ou sem organização. Precisava, também, ser remodelada e adquirir mais materiais sobre a Revolução Farroupilha.

Só depois do parecer técnico é que foi planejado e executado o seminário de Planejamento que consistia em uma análise reflexiva da instituição, por meio da abordagem dos pontos fortes e fracos da instituição, sendo que os pontos fortes foram às boas condições de alvenaria e piso do prédio, a sua localização³⁴, a possibilidade de integrar um roteiro turístico, o contexto histórico, a diversidade de acervo dentre outros, e os pontos fracos apontados foram a falta de organização das salas do prédio, a falta de intercâmbio com outras instituições, a ausência de um regimento interno de uma política de aquisição e de

³¹ Entrevista feita por e-mail com Maria Teresa Custódio no dia 22 de abril de 2010.

³² Portas e janelas.

³³ Anexo 2

³⁴ Tanto na questão da localização dentro da cidade e de estar numa cidade histórica.

profissionais das áreas de museologia, história, conservação e outros, além da inexistência de divulgação, dentre outras deficiências apontadas.

Depois de tais colocações, foram indicados os aspectos que deveriam ser melhorados ou modificados. Assim se planejou a melhora da documentação e numeração dos objetos, a criação de uma reserva técnica, a remodelação da exposição, adaptação dos banheiros, a aquisição de mobiliário e equipamento adequado – tanto para a exposição quanto para a reserva, além de trazer profissionais de outras áreas profissionais que pudessem atender o MHF.

Logo após foram estabelecidas as primeiras atividades, como definir a missão do museu, determinando como tarefa do mesmo: “pesquisar, reunir, restaurar, conservar e divulgar o patrimônio histórico relacionado à Revolução Farroupilha” além de “contar a história da Revolução Farroupilha contextualizando com a de Piratini [...] por meio de seu acervo”³⁵ dentre outros itens.

Assim, preocupando-se em pesquisar e classificar o acervo do museu que pertencesse ao período Farrapo ou que tivesse importância para contar sua história, armas, documentos, quadros entre outros, também se pensou em empréstimos ou aquisições de peças de outras instituições, para qualificar o acervo.

Mas para eleger o tipo de acervo e se compor a nova exposição, era essencial ser pensado num roteiro expográfico³⁶. Para isso pediu-se o auxílio da historiadora Prof.^a Sandra Jatahy Pesavento que criou um roteiro com três módulos: “1) *O RIO GRANDE DE SÃO PEDRO*, 2) *O RIO GRANDE CONTRA O IMPÉRIO: AS QUESTÕES EM JOGO* e 3) *A GUERRA: “SIRVAM NOSSAS FAÇANHAS DE MODELO A TODA A TERRA”*..³⁷. Estes tinham a intenção de abordar a formação do Estado, os motivos do conflito e a guerra em si, com as heranças que deixou. Porém o grupo achou necessário abordar outros temas, separados da exposição em: *Brasil Imperial, O Rio Grande de São Pedro, O Rio Grande Contra O Império e A Herança*³⁸, pois se notou a necessidade de criar uma introdução na exposição que se contextualizasse a situação política do Império no período das regências³⁹.

³⁵ Retirado de uma tabela do texto “A revitalização do Museu Histórico Farroupilha como contribuição para o desenvolvimento local” de Maria Teresa Custódio, na revista *Ciência e Letras* edição nº 31 de janeiro/junho de 2002.

³⁶ Que temas seriam abordados, como ficaria distribuído o acervo nas salas, os textos nos painéis e outros aspectos.

³⁷ Entrevista feita por e-mail com Maria Teresa Custódio no dia 22 de abril de 2010.

³⁸ Entrevista feita por e-mail com Maria Teresa Custódio no dia 22 de abril de 2010.

³⁹ Período pós abdicação de D. Pedro ao trono brasileiro a favor de seu filho D. Pedro II. Quando o pai deixa o trono D. Pedro II tinha apenas 5 anos de idade, passando o Brasil a ser governado por regentes, até o Imperador completar a maior idade.

A exposição toma um perfil didático, que era uma das intenções da direção do museu e da coordenadora do projeto. Contudo, o último módulo, “*A Herança*”, acabou não sendo concluído. Teresa justifica dizendo que:

[...] foi impossível concluir o último módulo da exposição dentro do prazo e dos recursos disponíveis. O “quadro” foi o principal empecilho. Nossa idéia era colocá-lo na sala da frente no andar superior, diante das janelas, mas afastado delas (foi inclusive projetado e desenhado um suporte metálico para ele).⁴⁰

O quadro no qual ela se refere é a tela “*Alegoria do Espírito da Revolução Farroupilha*” que tem as medidas, 3,70m de altura e 5,40m de comprimento. Era grande e pesado demais para qualquer uma das salas do MHF, sendo que o projeto estava no fim, e, por isso, acabaram por não concluir o módulo.

Para realizar a pesquisa histórica, criar o roteiro e selecionar os textos na exposição foi contratado a historiadora Alice Dubina Trusz. Já para organizar as salas, planejar os móveis da exposição e o designer foi responsabilidade da arquiteta Ceres Storchi, também contratada em regime de terceirização. Na parte de higienização, pesquisa e documentação do acervo foi responsabilidade do Curso de Especialização em Conservação de Patrimônios Históricos do Instituto de Artes e Letras da Universidade Federal de Pelotas, coordenado por uma conservadora contratada e mais os professores do curso.

Porém, em final de 2002, muda a Direção do museu⁴¹, com o final do governo Olívio Dutra no Estado, assumindo em 2003, Débora Brum Ribeiro. Assim, a diretora demissionária, Angélica se retira da coordenação do projeto e o repassa para Maria Teresa Custódio, o que atrasa seu andamento em cinco meses. Com seu término em 2003, a reserva técnica acaba por não ser organizada.

2.3 – Respostas do público à nova exposição.

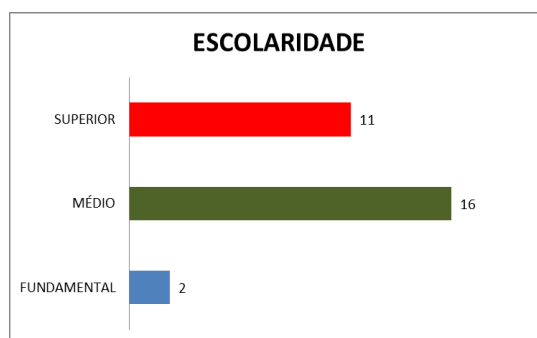


Gráfico 2: Fonte : Livros de visitação do MHF

⁴⁰ Entrevista feita por e-mail com Maria Teresa Custódio no dia 22 de abril de 2010.

⁴¹ Por causa da mudança de governo, muda a gestão do museu, pois é uma entidade da Secretaria de Estado da Cultura do RS.

Para saber a opinião e medir a compreensão dos visitantes do Museu Histórico Farroupilha acerca da atual exposição, foi realizada uma pesquisa de público, em que foram ouvidas pessoas de 17 a 62 anos de idade, que responderam questões referentes ao número de vezes que visitaram a instituição, bem como se a exposição contemplava seus interesses. As perguntas foram feitas de forma direta, mas acompanhadas por indagações posteriores, pedindo que explicassem as respostas.

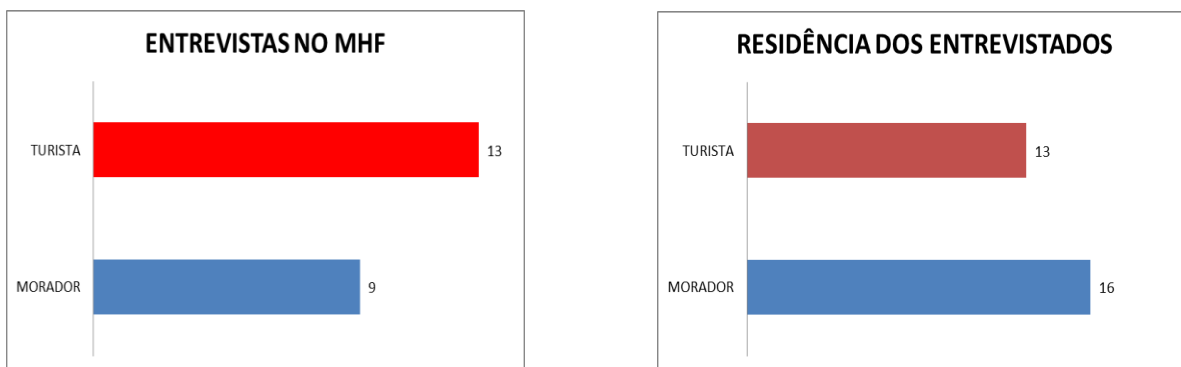


Gráfico 3: Gráficos baseados na pesquisa de público realizado no MHF no mês de abril de 2010

Participaram 30 visitantes, de 2 a 19 de abril de 2010, 78,8% das entrevistas foram feitas dentro do museu. Ou seja, foram ouvidas pessoas dentro da instituição, nos seus arredores e numa escola da cidade⁴². A grande maioria recebe entre dois e quatro salários mínimos, 78,5%, e quase todas possuem o ensino médio, 55,1%, ou superior, 37,9%. Vale salientar que os turistas representam o maior número de entrevistados dentro do museu.

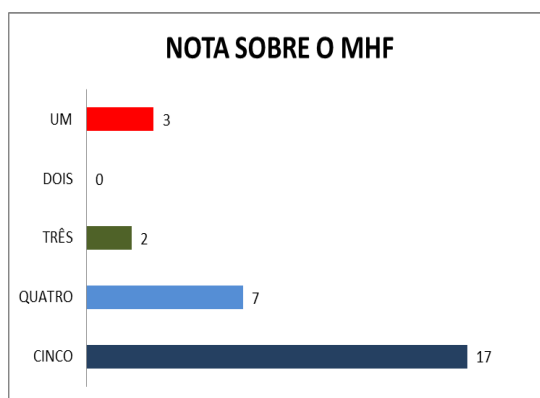


Gráfico 4: (Fonte: Livros de Visitação do MHF)

⁴² E.E de Ens. Fund. Professora Inácia Machado da Silveira foi escolhida por ter sido fácil aceitação dos professores a participarem da pesquisa.

Ao perguntar qual nota dariam ao Museu Histórico Farroupilha, de 1 a 5⁴³, a grande maioria deu nota 5. Porém quanto à clareza da exposição, mesmo acompanhando a nota, poucos explicaram o porquê de “achar clara a compreensão”. Uma minoria respondeu com nota “3” ou mais baixa, justificando pela falta de didática na exposição, a presença de elementos de arte contemporânea, a retirada das peças da antiga exposição etc.

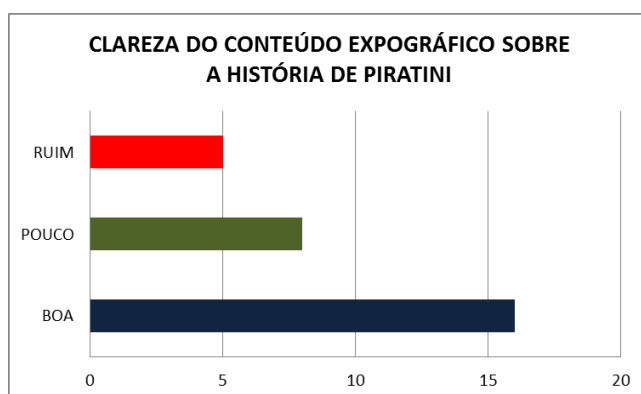


Gráfico 5: embasados na pesquisa de público realizado no MHF no mês de abril de 2010

Quando perguntados sobre a clareza da exposição quanto à participação da cidade de Piratini na Revolução Farroupilha, os que deram boas notas se arriscam mais nos comentários. Porém, esses referem mais a experiências anteriores à visita ao museu, do que a proporcionada pela exposição. Comentam sobre o prédio, ou as ruas da cidade, as casas.

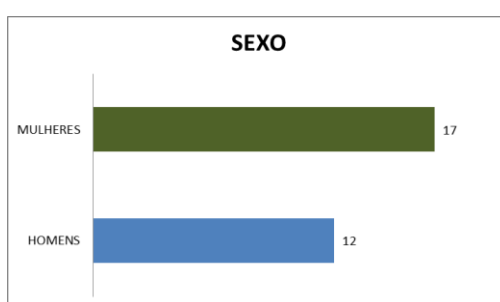


Gráfico 6: embasados na pesquisa de público realizado no MHF no mês de abril de 2010

Outra constatação é que a maioria das pessoas entrevistadas são mulheres: 58,6%, ou seja, 17. A maior parte dos entrevistados foi mais de uma vez no Museu Farroupilha, 21 dos 29 entrevistados. Porém o que mais chama atenção é a maior participação de turistas do que

⁴³ Um representou como “muito ruim” e Cinco como “excelente” .

de moradores. De 21 entrevistas feitas dentro do museu, apenas sete foram de moradores, ou seja, um terço. Esse aspecto pode ser notado nos livros de visitação de 2006 a 2008 e 2002, ano da revitaliza o.

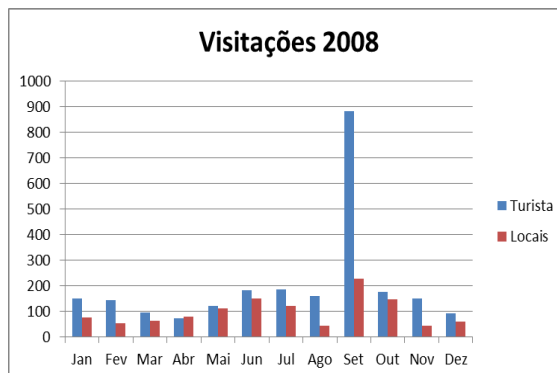


Gráfico 7: Comparação entre visitantes locais e turistas. (Fonte: Livros de Visitações do MHF)

Se for analisado o ano de 2008 se nota que todos os meses têm uma superioridade do número de visitantes de outras localidades, sendo que é bem superior nos meses de agosto, setembro e novembro.

Essa característica continua no ano do projeto, com exceção de maio, por um motivo desconhecido à pesquisa. Em Setembro⁴⁴ há uma elevação nas visitas, chegando a, num ano, de média de 227,4 visitas por mês (como em 2008), ocorrer 1111 assinaturas no livro, somente nesse período. Ou seja, um aumento de 488,5% de requências na instituição. Contudo, desse total de pessoas que foram ao MHF, 882 eram de fora da cidade, fechando um total de 79,3% de turistas no Museu Histórico Farroupilha.

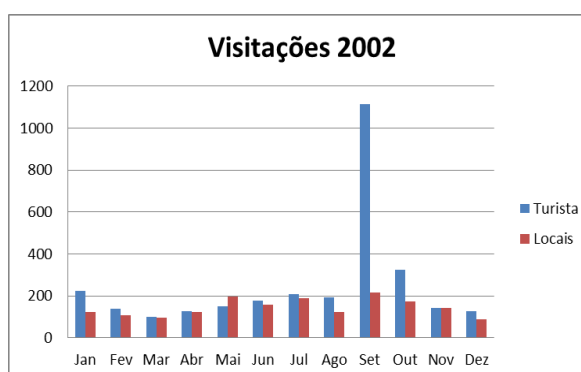


Gráfico 8: Comparação entre visitantes locais e turistas. (Fonte: Livros de Visitações do MHF)

⁴⁴ Em setembro ocorrem as festividades comemorativas à Revolução Farroupilha, onde ocorrem na cidade vários eventos, em maior parte apresentações artísticas. No desfecho do evento, dia 20 de setembro, ocorre um desfile a cavalo, para homenagear os heróis da guerra.

Já no ano de 2002, a diferença cresce, pois neste ano, 83,6 % eram de fora da cidade. E se usarmos um comparativo entre 2002 com os nos de 2006, 2007 e 2008, com o total de visitantes, pode se ver no gráfico abaixo:

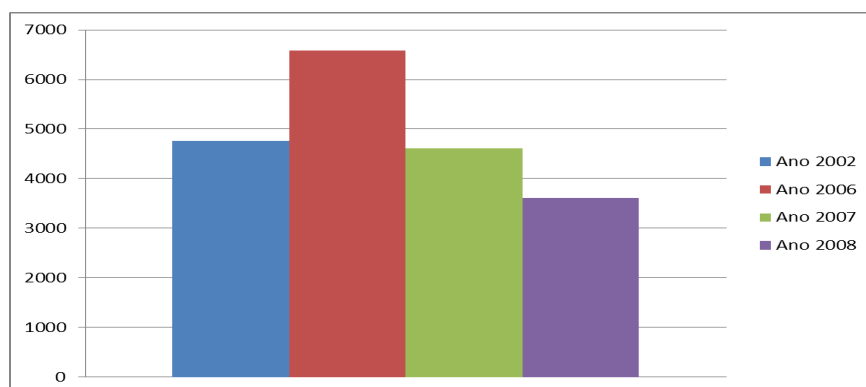


Gráfico 9: Comparação dos números de visitas nos anos de 2002, 2006, 2007 e 2008. (Fonte: Livros de Visitações do MHF)

O ano de 2006 está em alta se em comparação com 2002, porém, os seguintes, 2008 e 2007, apresentam queda que pode ser reflexo da diminuição do número de turistas que vão ao MHF, pois se analisar somente a visita de destes, teremos o seguinte gráfico:

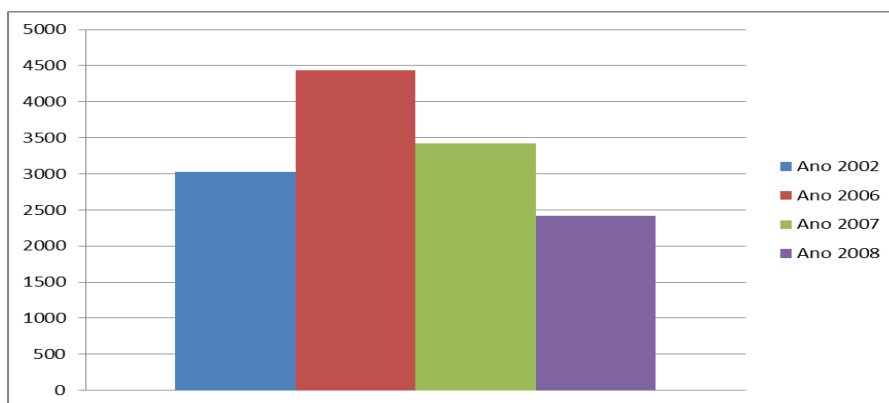


Gráfico 10: Comparação dos números de visitas de turistas nos anos de 2002, 2006, 2007 e 2008. (Fonte: Livros de Visitações do MHF)

Os dados sobre a visita de turistas de 2002 apresentam a mesma inferioridade em relação a 2006, porém a queda se repete de 2007 a 2008. Por outro lado, ao se analisar os números de visitantes residentes na cidade, pode se ver uma constância, melhor visualizada no gráfico:

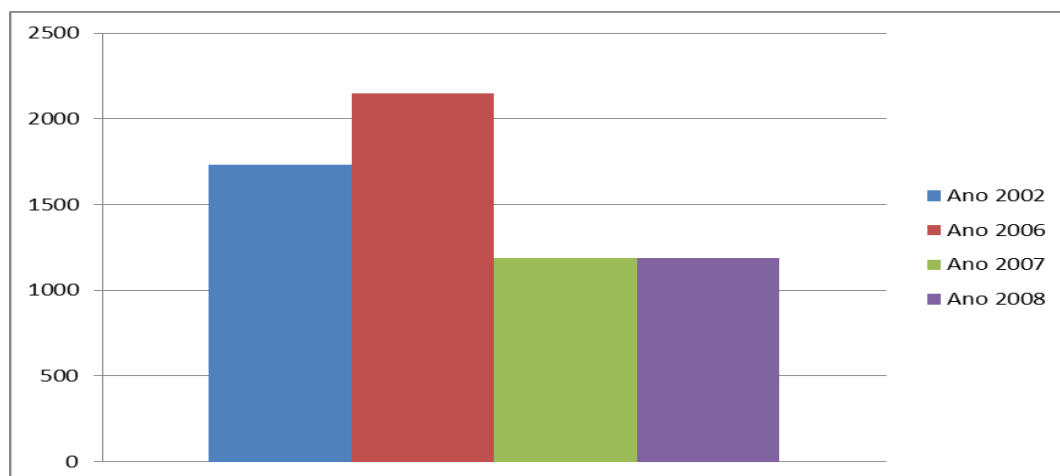


Gráfico 11: Comparação dos números de visitas de locais nos anos de 2002, 2006, 2007 e 2008. (Fonte: Livros de Visitações do MHF)

Nos anos de 2002 e 2006 o quadro novamente se repete com uma subida seguida de uma queda em 2007. O que muda é a estabilidade com 2008 e seu ano anterior, verificando-se uma pequena alta de 1187 para 1190, ou seja, somente três pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Tendo em vista a pesquisa realizada, percebeu-se que a instituição está envolvida por uma identidade regional, a qual sustenta o museu, colocando-o como referência da cidade. Esta condição está ligada à participação da comunidade na formação do museu, quer dizer, o acervo deu a propriedade do MHF aos moradores de Piratini, a dúvida era “como isso se deu?”.

Uma explicação é que tenha ocorrido por meio das peças doadas e do espaço dado a estes objetos terem um item de seu antepassado na instituição à mostra para toda cidade e para qualquer turista que visitasse Piratini, o que dava ao doador certo prestígio. O museu possibilitava seu uso como “vitrine” dos feitos das famílias piratinenses, se atribuía um “*status*” à pessoa que tinha um objeto no MHF.

O novo projeto expográfico foi, então, o responsável pela ruptura entre alguns integrantes da sociedade local com a instituição. A retirada do acervo das famílias significou tirar o “prestígio” que elas tinham dentro do museu e frente à comunidade. Assim, também há a perda da referência identitária. Presente na entrevista cedida por Angélica Panattierie⁴⁵ e em alguns trechos das entrevistas com Orly Maranini Frota, Raul Augusto Amaral e Ceura Amaral Frota.

O referencial identitário do acervo tem o valor de representante das características do município, pois os feitos que são demonstrados por meio das peças são as glórias não apenas das famílias, mas de Piratini. Por isso quando o patrimônio familiar é dado ao Museu, se torna patrimônio de todos moradores da cidade que também os representa.

No período da revitalização, quando houve a retirada deste acervo, aconteceu, também, a quebra deste vínculo sociedade/museu, mas neste período há o reforço de uma outra identidade que também caracterizava a cidade, a da “revolução”. A imagem da “Primeira Capital Farroupilha” é dada como um bem patrimonial, o mais importante do município.

Por esse motivo que a descrença sobre o MHF não é mais forte e por parte de alguns integrantes da sociedade pode até ter fortalecido o elo com o museu. A proposta de revitalização está relacionada a um período em que o Sistema Estadual de Museus adotava uma política de reforço às imagens identitárias do Estado e dos museus, no caso de Piratini, por meio do ufanismo, já citado da obra de Sandra Jatahy Pesavento, existente entre os

⁴⁵ Realizada em 16 de abril de 2010

tradicionalistas e moradores da cidade, com projetos que objetivavam a transformação dos museus em centros de referência das cidades.

Ora, foi por meio deste esforço do SEM que se tornou possível a revitalização, já que de outra forma não haveria como o museu angariar fundos para o projeto. Ou seja, poderiam não ter ocorrido mudanças na instituição até o presente momento. Não havendo a continuidade do processo, isto pode ser apontado como responsável pelos problemas que se seguiram após o encerramento do projeto. Falhas que são, na maioria, as mesmas que haviam antes da revitalização: a má conservação dos objetos, a falta de uma reserva técnica, ausência de profissionais qualificados entre outros. O projeto não resolveu estes empecilhos, nem trouxe maior fluxo de turistas para a cidade.

Uma das explicações é que toda a metodologia foi pensada na necessidade de profissionais da área da museologia, história, conservação e outras. No período do projeto ocorreu a presença de alguns destes, porém, quando este acabou o museu continuou a contar com apenas a direção e alguns estagiários. Ou seja, a mudança foi apenas expográfica, não estrutural, mesmo sendo expressamente prevista sua necessidade. Essa afirmação não quer dizer, no entanto, que o problema foi da elaboração do projeto que contou com esses profissionais, mas, sim, que não tenham sido inseridos no organograma da instituição.

Se for posta em um quadro geral a problemática da falta de qualificação dos profissionais de museus, na região sul do estado pode se perceber outros exemplos. Na própria cidade de Piratini existe o Museu Municipal Barbosa Lessa, e nele há apenas a diretora e uma estagiária, ou seja, quadro muito similar a outras instituições encontradas em cidades próximas, como Pelotas e Rio Grande, onde as entidades museológicas se apresentam obsoletas e pouco atraentes ao público, reflexo de uma falta de políticas públicas direcionadas à área.

Isso pode levar a uma questão difícil de ser respondida, e se o descuido com estas instituições é causado pelo pouco interesse da população, ou seria o contrário? No final, são as instituições museológicas e os bens culturais públicos que sofrem com esse desleixo, ficando as comunidades sem uma representação cultural.

Sobre a pesquisa nos livros de visitação, foi possível se definir que houve mudanças no número de visitas logo após o término do projeto, porém, também ocorreu queda nos últimos anos, demonstrando a não continuidade. A melhora não foi permanente, o que significa a falta de trabalhos educacionais contínuos com o visitante, tanto turista quanto morador, além da falta de atividades que atraiam o público, isso porque não há uma política

institucional e de divulgação do museu, não há um planejamento decorrente da falta de qualificação profissional e estrutural conforme citado anteriormente.

Sobre as avaliações da pesquisa de público, as respostas positivas apontam para uma possível conclusão: são na maior parte, os turistas – que enxergam o museu superficialmente – ou os tradicionalistas que tentam firmar-se por meio do acervo da instituição, glorificando a guerra. Já as respostas negativas igualmente indicam que é mais um protesto pela retirada do acervo das famílias do que uma leitura sobre o MHF. Ou seja, há um ufanismo sobre as tradições gauchescas e, por isso, tal se reflete também sobre o museu, como no passado da cidade e no acervo correspondente⁴⁶.

Portanto a “glorificação” da atual exposição é a mesma feita sobre o gaúcho e a Revolução Farroupilha, desta forma, muitas vezes apaga os erros da instituição, e sobre a antiga exposição também ocorre à valorização dos bens locais e da história local, a história das famílias.

Por fim, o Museu Histórico Farroupilha tem sua história marcada por um conflito interno, entre preservar as memórias da cidade e famílias de Piratini ou glorificar as memórias da Revolução Farroupilha. Além de conviver sem um amparo do Estado, o que força os membros da instituição a buscarem por ações isoladas no contexto histórico do MHF, que acabam por não alcançar os resultados em longo prazo.

⁴⁶ O acervo das famílias

FONTES PRIMÁRIAS.

- AMARAL, R. Raul Amaral. FROTA, C.A. Ceura Amaral Frota. FROTA. O.M. Orly Maranini Frota. Depoimento Oral. Entrevistador: Augusto Duarte Garcia. Piratini, RS. 27/10/2007. [indeterminada]. Entrevista concedida como contribuição para o projeto Museus e cidades: relatos de uma relação nem sempre tão harmoniosa;
- BROCKSTED. Fernando. O Centro de Tradição de Piratini. **Diário Popular**. Pelotas, RS, 19 de abr de 1953.
- CUSTÓDIO, M.T. Maria Teresa Custódio. Depoimento Oral. Entrevistador: Augusto Duarte Garcia. Porto Alegre, RS. 02/05/2010. E-mail. Entrevista concedida para monografia;
- DOCUMENTAÇÃO DO PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DE 2002. Museu Histórico Farroupilha. Piratini-RS , 2002;
- FROTA. O.M. Orly Maranini Frota. Depoimento Oral. Entrevistador: Joana Soster Lizzot. Piratini, RS. 11/03/2010. [indeterminado]. Entrevista concedida como contribuição para o projeto Museus e cidades: relatos de uma relação nem sempre tão harmoniosa;
- PANATTIERIE, A.B. Angélica Barroso Panattierie. Depoimento oral. Entrevistador: Augusto Duarte Garcia. Piratini, RS. 16/04/2010. MP3 54 min. Entrevista concedida como contribuição para a monografia;

BIBLIOGRAFIA.

- CUSTÓDIO, Maria Teresa Chaves. A revitalização do Museu Histórico Farroupilha como contribuição para o desenvolvimento local. Revista Ciências e Letras n° 31, jan/jun 2002;
- CUSTÓDIO, Maria Teresa Chaves. A responsabilidade social dos museus regionais. Revista Ciência e Letras n°. 27, jan/jun de 2000;
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990;
- GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. De Rio Grandense a Gaúcho: o triunfo do avesso: um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847 – 1877). Porto Alegre: Editora Associadas/Secretária Municipal de Cultura-Prefeitura de Porto Alegre, 2009;
- MACIEL, Maria Eurice. Memória, Tradição e Tradicionalismo no Rio Grande do Sul. In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia(Orgs.). Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: EdUNICAMP, 2001, p.239-267;
- MARSON, Isabel. “Conciliação” e Esquecimento: Nabuco E a Revolução. In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia(Orgs.). Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: EdUNICAMP, 2001, p.175-196;
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Ressentimento e Ufanismo: Sensibilidade do Sul Profundo.In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia(Orgs.). Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: EdUNICAMP, 2001, p.223-238;
- VARIOS. Nós, Os Gaúchos. Coord. por GONZAGA, Sergius. FISCHER, Luís Augusto. 4ª.ed. Porto Alegre: Ed Universidade UFRGS, 1998;
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. (trad) AUGRAS, Monique. (ORG) ROCHA, Dora. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992 p. 200 – 212;
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento ,Silêncio. (trad.) FLAUMAN, Dora Rocha. Estudos História, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 3, 1989 p.3-15. <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417> acessado dia 05/06/ 2010 as 13:20 hs;
- BREFE, Ana Cláudia Fonseca.O Museu Paulista. São Paulo. UNESP, 2005, p. 87 – 142.

SEM, Sistema Estadual de Museu – RS. Relatório de Gestão. {nd};

SANTOS, Maria Célia T. Moura. O papel do museu na construção de uma "identidade nacional". In. Anais do Museu Histórico Nacional. v.28. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1996;

KOPTCKE , Luciana Sepulveda. ESTUDOS DE PUBLICO, CONTAR PARA CONHECER? UMA PROPOSTA PARA PRODUZIR DADOS QUANTITATIVOS QUE AJUDEM A AVALIAR O USO SOCIAL DOS MUSEUS.
<http://www.fiocruz.br/omcc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=38> dia 30 de março de 2010 as 18:16;

SEBRAE. Metodologia do programa de emprego e renda. Brasília, 1995.

<http://www.dieese.org.br/cedoc/005208.pdf> acessado dia 10 de maio de 2010 as 19:25hs.